



**WENDELL LUIZ LINHARES
(ORGANIZADOR)**

A EDUCAÇÃO FÍSICA EM FOCO 2

Atena
Editora
Ano 2019

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)

A Educação Física em Foco 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	A educação física em foco 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação Física em Foco; v. 2) Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-453-5 DOI 10.22533/at.ed.535190507 1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz. II. Série. CDD 613.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Com o passar do tempo, a Educação Física tem demonstrado cada vez mais ser uma disciplina, a qual, se caracteriza por uma configuração multifacetada, possibilitando o diálogo, não só com a área do conhecimento biológica, mas também, com a das humanas e sociais. Compreender a importância desta interdisciplinaridade é um grande desafio para o profissional da Educação Física.

A obra “A Educação Física em Foco 2 e 3 ” é um e-book composto por 32 artigos científicos, os quais estão divididos por dois eixos temáticos. No primeiro intitulado “Educação Física Escolar, Formação e Práticas Docentes” é possível encontrar estudos que apresentam aspectos teóricos e empíricos do contexto escolar e como esses influenciam a prática docente. Ainda, é possível verificar relatos de experiências sobre atividades que contribuíram na profissional do indivíduo. No segundo eixo intitulado “Políticas Públicas, Saúde, Esporte e Lazer na Educação Física”, é possível verificar estudos que apresentam desde aspectos biológicos e fisiológicos relacionados ao exercício físico, até os que discutem a proposição e aplicação de políticas públicas voltadas para o esporte e lazer.

O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas citados anteriormente.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DA PRÁTICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Jacqueline Rodrigues Chiquito Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.5351905071	
CAPÍTULO 2	12
APRENDIZAGENS SOBRE EXERCÍCIOS FÍSICOS POR MEIO DA METODOLOGIA BASEADA NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	
Ademir Testa Junior Ídico Luiz Pellegrinotti	
DOI 10.22533/at.ed.5351905072	
CAPÍTULO 3	26
COMO TRABALHAR ESTADOS EMOCIONAIS INERENTES ÀS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DESAFIO DOCENTE	
Rodolfo Gazzetta Rubens Venditti Júnior Adriane Beatriz de Souza Serapião André Luis Aroni	
DOI 10.22533/at.ed.5351905073	
CAPÍTULO 4	41
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA OMNILATERAL: UMA ABORDAGEM COM BASE NA FILOSOFIA SOCIAL MARXIANA	
Zuleyka da Silva Duarte Maristela Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5351905074	
CAPÍTULO 5	55
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NOVOS TEMPOS E ESPAÇOS	
Sandra Regina Trindade de Freitas Silva Enéas Machado Rafael Feijó Torres	
DOI 10.22533/at.ed.5351905075	
CAPÍTULO 6	60
ENRIQUECIMENTO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA ALUNOS EM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE AH/SD	
Rodolfo Lemes de Moraes Rubens Venditti Júnior Denise Rocha Belfort Arantes-Brero Taís Pelição Marcos Gabriel Schuindt Acácio Letícia do Carmo Casagrande Morandim Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.5351905076	

CAPÍTULO 7	72
FUTEBOL, APENAS MENINOS JOGAM? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Elizandra Bezerra Almeida	
Alberto Joz da Silva Pamponete	
Marlon Messias Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5351905077	
CAPÍTULO 8	81
IDEOLOGIA E FORMAÇÃO INICIAL DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
Alvori Ahlert	
Adelar Aparecido Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.5351905078	
CAPÍTULO 9	109
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO NA DISCIPLINA DE ANATOMIA BÁSICA I	
Cêjane Martins Carneiro Carvalho	
Khellen Cristina Pires Correia Soares	
Mariana da Silva Neta	
DOI 10.22533/at.ed.5351905079	
CAPÍTULO 10	122
O XADREZ E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	
Kadydja Karla Nascimento Chagas	
Carla Virgínia Paulino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53519050710	
CAPÍTULO 11	133
OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL DE PALMAS/TO	
Rodrigo Lema Del Rio Martins	
Maria Luiza Raphael Del Rio Martins	
Luísa Helmer Trindade	
André da Silva Mello	
DOI 10.22533/at.ed.53519050711	
CAPÍTULO 12	143
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS CONCEITOS TEMÁTICOS DE SAÚDE ABORDADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS: SUPERFICIAL OU GENERALISTA?	
Arnildo Korb	
Ana Júlia Sandri	
Andrieli Schmitz	
Tatiani Todero	
Saionara Vitória Barimacker	
Suellen Fincatto	
Adriane Karal	
Ana Luisa Streck	
Leila Zanatta	
Danielle Bezerra Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.53519050712	

CAPÍTULO 13 154

OS BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS DA CORRIDA DE RUA

Gilcimar Fonseca Siqueira

Ítalo Mateus Dantas Pinto

José Araújo Souza

DOI 10.22533/at.ed.53519050713

SOBRE O ORGANIZADOR..... 167

COMO TRABALHAR ESTADOS EMOCIONAIS INERENTES ÀS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DESAFIO DOCENTE

Rodolfo Gazzetta

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro-SP, Programa de Pós-Graduação UNESP Rio Claro/IB – Programa Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DHT). Professor de Educação Física Escolar, Colégio Rio Branco, Campinas-SP. Contato: rods_gazzetta@yahoo.com.br

Rubens Venditti Júnior

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Bauru-SP, Faculdade de Ciências (FC), Departamento de Educação Física (DEF) e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação UNESP Rio Claro/IB – Programa Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DHT). Coordenador do *Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte - LAMAPPE/DEF-FC, Unesp Bauru*. Contato: r.venditti-junior@unesp.br

Adriane Beatriz de Souza Serapião

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Rio Claro-SP. Departamento de estatística, matemática aplicada e computação - Instituto de geociências e ciências exatas - Instituto de biociências. Programa Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DHT). Contato: adriane@rc.unesp.br

André Luis Aroni

Faculdade Devry/Metrocamp - Campinas-SP, Departamento de educação física e esportes - Programa Interdisciplinar de Desenvolvimento Humano e Tecnologias (DHT). Contato: andre-aroni@hotmail.com

RESUMO: Há tempos que a Educação Física (EF) volta seu olhar para as correntes tradicionais do desenvolvimento motor. Porém, sabemos que as práticas corporais realizadas em aula nos dão elementos que estimulam estados emocionais diversos, fazendo com que possamos para trabalhar o aprendizado emocional, dentro do contexto das aulas de EF de maneira eficaz. Este trabalho mostra o que pensamos sobre a EF: uma disciplina curricular multidisciplinar, que deve oferecer ambientes pedagógicos favoráveis para que nossos alunos experimentem e vivenciem estados emocionais e seus conflitos, facilitando o desenvolvimento de habilidades sociais de maneira realmente eficiente. O trabalho buscou elaborar uma proposta metodológica para se entender como os alunos reagem social e emocionalmente nos diferentes momentos nas aulas de EF. A opção metodológica proposta seria no formato de pesquisa-ação, que pode ser realizada em estreita relação entre teoria e prática, onde participantes e pesquisador estarão envolvidos de maneira cooperativa e/ou participativa. O instrumento de pesquisa proposto é a Roda de Estados de Ânimo (REA), que torna possível a identificação dos estados emocionais acionados durante as diferentes modalidades praticadas no período da pesquisa. Sugerimos que os dados coletados sejam analisados de maneira quanti-qualitativa, para explicar diferenças

significativas nas respostas sociais e emocionais dos alunos aos diferentes estímulos no decorrer da pesquisa, considerando questões de gênero e o período em que estudam. Estas análises sugerem que as atividades praticadas durante a pesquisa acionam estados emocionais variados, e que as práticas corporais podem contribuir para o desenvolvimento do aprendizado emocional e relações interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: estados afetivos; educação física escolar; psicologia do esporte, emoções; aspectos psicológicos.

HOW TO DEVELOP EMOTIONAL STATES INHERENTS TO BODY PRACTICES AT SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A TEACHER'S CHALLENGE

ABSTRACT: A long time ago, The Physical Education looks to the traditional way of the sports skills development. However, it is clear that the discussions around these corporal practices can be rich in the sense of human development and their relationships. This research culminates in what we think about Physical Education, multidisciplinary, that has the duty to offer good moments for our students to experience the emotional states and their conflicts, allowing the development of these social skills in a really efficient way. The present work tried to understand how students react emotionally in the different moments of their Physical Education classes during the practice of games, gymnastics and dance. The methodological option was action-research where participants and researchers were involved in all situations. The research was carried out with 120 students/teenagers, from the 8th year of middle school in 2017, in Campinas. A research tool used was the Geneva Emotion Wheel (GEW), which made it possible to identify the emotional states during the different modalities practiced during the research period. We suggest that the data collected be quantified and qualitatively to explain significant differences in students social and emotional responses to the different stimuli during the research, considering gender aspects and the period in which they study. These analyzes suggest that the activities practiced during the research trigger varied emotional states, and that corporal practices can contribute to the development of emotional learning and interpersonal relationships.

KEYWORDS: affective states; school physical education; sport psychology; emotions; psychological aspects.

1 | INTRODUÇÃO

Atualmente, a área da Educação discute mudanças significativas para que os alunos se tornem indivíduos mais competentes e atinjam seus objetivos pessoais e profissionais. Porém, percebemos que a Educação Física (EF) pouco contribui para tal desenvolvimento, uma vez que não atua de maneira planejada e sistematizada em todos os aspectos que lhe cabe, pois seguem moldes antigos e tradicionais, como a ludicidade descontextualizada e o desenvolvimento de gestos técnicos importados do esporte de rendimento.

A EF, muitas vezes, tem sua importância diminuída pela comunidade escolar por ser mal trabalhada no contexto conceitual e atitudinal, importando-se apenas com o aspecto procedimental (GAZZETTA, 2018). A EF escolar tem como principal objeto de estudo as práticas corporais, e estas têm como ponto principal o desenvolvimento das lógicas dos jogos e dos esportes para, também, evidenciar as relações existentes no comportamento humano.

Assim, as aulas de EF se tornam uma excelente oportunidade para o professor trabalhar a educação emocional com vistas ao autoconhecimento, controle emocional e respeito ao próximo, numa perspectiva de desenvolvimento pleno do aluno. É inquestionável o importante papel desenvolvido por esta disciplina na socialização dos alunos e, por meio dela, o estímulo de estados emocionais diversificados (PARLEBAS, 2003).

A EF tem como suas principais vertentes a experimentação, a vivência, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das práticas corporais nas suas diferentes manifestações, pois sabemos que nenhum movimento ocorre de maneira isolada e descontextualizada, pois toda ação tem uma intenção, seja ela expressiva ou funcional, e não podemos ignorar as múltiplas dimensões da motricidade.

Emoção e movimento apresentam uma relação de reciprocidade, assim a atividade prática permite, além da exteriorização dos estados emocionais, a tomada de consciência dos mesmos pelo sujeito (ARRUDA, 2006). Para Almeida (2001), o corpo é o instrumento de trabalho das emoções. Porém, sabemos que a disciplina de EF tem seu aspecto atitudinal pouco explorado e discutido, seja no planejamento pedagógico como nas práticas corporais propriamente ditas.

O que vemos em nossas aulas são os conflitos, que são inerentes aos jogos, aparecendo diariamente. Estes são trabalhados pelas mais diferentes maneiras, deixando os jovens à própria sorte e, dependendo do histórico e/ou liderança de poucos, muitas vezes recrutam os próprios alunos e professores, para solucionar ou inibir tais situações.

De acordo com o que acreditamos e construímos com nossa experiência docente, essas práticas de discussões sobre valores morais, éticos e questões psicossociais, individuais e coletivas, devem aparecer de maneira planejada, a fim de municiar estes jovens de habilidades sócio-emocionais, para que se tornem competentes e plenos em suas formações.

Essas discussões podem ser enriquecedoras, se tratadas com a devida preocupação, pois situações conflituosas de jogo são frequentes, bem como nas brincadeiras e nos esportes, fazendo com que tenhamos um terreno muito fértil para trabalhar esses jovens no aspecto cognitivo, motor, social ou afetivo.

Sendo assim, os saberes que a Psicologia do Esporte nos traz se torna de vital importância para a prática docente, pois com as pertinentes atividades e intervenções, podemos fazer com que os alunos desenvolvam a todo o momento os valores conceituais, atitudinais e procedimentais que desejamos trabalhar, através de dinâmicas

cuidadosamente planejadas. E assim desenvolverem habilidades inestimáveis para toda a vida, enquanto criam vínculos com seus pares.

Ou seja, buscar uma forma superior de educação, na qual o aluno é colocado como protagonista e educado para e pela coletividade, onde os discursos e as palavras dão espaço à prática, e a livre ação de cada jovem vai de acordo com a autonomia construída, fazendo-se assim necessário, a participação efetiva de cada aluno na construção, execução e, por fim, da apropriação do conhecimento sócio emocional de cada ação.

Na presente pesquisa, mostraremos que nossos estados emocionais podem ser acionados durante a realização das diferentes práticas corporais. Para tanto, utilizaremos a Roda de Estados de Ânimo (REA), um método de coleta de dados que o aluno, na presença do professor/pesquisador, passa para o papel como seus estados emocionais se manifestaram durante a atividade desenvolvida.

Não obstante, propomos discussões para dar um novo rumo à disciplina para que os paradigmas sejam reavaliados, e para que a Psicologia do Esporte seja mais presente nas aulas e para que os alunos tenham mais ferramentas para construir sua autonomia e seu autoconhecimento motor, social, emocional e esportivo, fazendo dos conteúdos da EF um braço muito forte da formação emocional de cada aluno.

Darido e Rangel (2005) defendem que a aula de EF talvez seja o melhor momento para este tipo de observação, visto que está repleta de conflitos, inerentes a qualquer forma de interação social que, nesse caso, afloram das interações dos alunos com meio social e cultural da escola. Pois o movimento humano é uma das formas mais fundamentais de interação social e precisa que se construa uma relação íntima entre as pessoas, o espaço e a cultura que o cercam. Dessa forma, em aulas de EF as relações sociais se fortalecem e se manifestam com maior expressividade.

Para Prodócimo e Caetano (2007), quando um aluno se envolve em uma prática corporal nas aulas de EF, ficam evidentes determinados comportamentos espontâneos, regidos pela alteração de seus estados emocionais alterados. Isso porque pode ser um ambiente competitivo, cooperativo ou simplesmente recreativo, porém, sempre com alto nível de interação entre os participantes, o que faz com que os alunos externem suas características emocionais mais íntimas.

A identificação e interpretação dessas emoções expostas pelas crianças através das atitudes e comportamentos, de modo algum podem ser desconsideradas pelo professor, pois não pode ser considerado como adequado, por exemplo, o excesso de agressividade ou de medo em jogos competitivos ou em brincadeiras comuns nas aulas. Por esta razão, a sensibilidade deve sempre ser colocada em prática, bem como a empatia e a liderança do professor. Para que possamos aproveitar os encontros semanais programados de maneira adequada e coerente com o que acreditamos uma EF realmente transformadora.

Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver formam os quatro pilares da educação discutidos pela UNESCO (Organização das

Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) há algum tempo por Jacques Delors, orientador do relatório em forma de livro: *Educação: um tesouro a descobrir*, de 1999. Esses quatro pilares funcionam como alicerces do ensino para os alunos e futuros cidadãos, pais de família e profissionais impulsionarem as habilidades que podem ser aprendidas não somente mergulhando em conteúdos didáticos, mas por meio do envolvimento com projetos multidisciplinares relacionados com questões sociais, esportivas, comunitárias, históricas ou outros temas de interesse, os quais estão para além dos muros escolares e são parte da vida cotidiana dos educandos.

A cultural e neoliberal, que visa a preparação do aluno ao mercado, preferência da escola e da comunidade com outras áreas do conhecimento, bem como a evolução digital desenfreada, ajudam a construir o desinteresse dos alunos para com as atividades esportivas, lúdicas, rítmicas e expressivas do conhecimento do próprio corpo (GAZZETTA, 2018).

Além destes fatores supracitados, estamos em uma sociedade que obedece a um sistema social fugaz e voraz, no qual a avaliação tradicional, quantitativa e competitiva prevalece sobre a subjetiva e processual, valorizando e dissociando mais o cognitivo do emocional, o *cyber* do face a face, e, ao final do processo, transformando esses alunos, futuros cidadãos, em indivíduos superficiais no contexto das emoções. Segundo Behrens e Machado (2005), todo o sistema educativo tem que ser repensado. Uma vez que, orientado pelo desenvolvimento cognitivo apenas, ele não prepara nossas crianças para a vida do amanhã.

É preciso criar espaço para as emoções, levar em conta o desenvolvimento social e afetivo, bem como o convívio com as diferenças e diversidades. Aspectos psicossociais têm necessidade de se alimentar de conhecimentos, de saber fazer e saber ser, da mesma maneira que as outras áreas do saber. Desse modo, percebe-se que a escola contribuiu e ainda contribui para que existam, hoje, muitas pessoas com atitudes que denotam um analfabetismo emocional e esse fato pode causar danos muito sérios em nossa sociedade.

Pois, ainda segundo Behrens e Machado (2005), estados emocionais inadequados dos alunos envolvem todos os níveis de ensino e têm se apresentado com ênfase nas últimas duas décadas dentro da escola. Então, enfatiza-se a necessidade de educar as pessoas também no seu aspecto emocional. É preciso que a formação emocional seja praticada com naturalidade nas escolas, para que esse outro aspecto da complexidade humana possa ser contemplado e desenvolvido. Dias (2011) afirma que:

[...] a prática desportiva pode contribuir para o desenvolvimento integral do praticante, contribuindo para seu ajustamento pessoal e social. Numa perspectiva sócio-construtivista, a prática desportiva proporciona uma série de interações que fomentam o desenvolvimento e aprendizagem do jovem. Diversos intervenientes desportivos (treinadores, professores, pais, dirigentes, etc.) reconhecem que a prática desportiva possibilita às crianças e jovens a vivências de um conjunto de experiências positivas significativas com benefícios ao nível físico e psicossocial. (DIAS, 2011, p. 99).

Para Betti e Zuliani (2002), a educação da criança e do jovem, neste momento, passa a ser uma educação integral: corpo, mente e espírito; como desenvolvimento pleno da personalidade. Então, nós professores, sabemos que talvez sejamos a disciplina que possa atuar neste contexto com muita intensidade, haja vista lidar em seus conteúdos com duas realidades conflitantes do esporte: a competição e a cooperação.

Para Zanetti *et al* (2016), ao discorrermos sobre a cooperação e competição na EF escolar também devemos deixar claro que um dos mais importantes mecanismos de ação destes dois universos será dado pelo movimento humano, por meio das interações sociais por ele proporcionadas, manifestadas através do esporte, jogo ou pelas brincadeiras.

Machado (2009) afirma que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas devem se integrar no esforço educativo e social que visam preparar o aluno para sua integração plena na sociedade. Desta forma, a personalidade de nossos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam.

Uma vez que pensamos nas aulas de EF como realização de atividades coletivas, que os indivíduos devem dialogar e aceitar desejos do outro e buscar seu espaço de compreensão e respeito com seus pares, as interações sociais assumem outras formas, como liderança, controle, aceitação e dominação, e estas vão sendo construídas de acordo com as vivências das diferentes situações onde haja debates, enfrentamentos/confrontos e de tomada de decisões. Estas são evidenciadas quando lançamos situações problemas que geram provocações e desafios.

Na visão da Pedagogia do Esporte, o esporte é visto como um meio potencial de educação e formação humana, e tudo isso através da prática corporal, do trabalho constante com o próprio corpo e seus limites internos e externos. Segundo Bento (1995), esta formação se dá através de muito esforço e resiliência, e de ações e obstáculos que são inerentes ao esporte. Ou seja, “o esporte aponta o caminho necessário para a descoberta autêntica do ser que em nós mora” (BENTO, 1995, p. 57).

Assim, podemos afirmar que a prática que forma o indivíduo, pois a vivência, o experimento prático, justifica a teoria e os valores durante suas ações. Estas práticas corporais proporcionam situações em que as relações interpessoais, com os outros, contra os outros, em cooperação ou oposição aconteçam em grande intensidade. Ainda para Bento (1995), o processo de formação precisa do confronto com outras pessoas, quando são aprendidos valores como a responsabilidade, a liberdade e a solidariedade. Desta forma, o esporte se torna um dos ambientes mais favoráveis de formação, educação e desenvolvimento da personalidade.

Zanetti (2016) considera que será nesta prática, seja por meio de atividades cooperativas ou competitivas, que o aluno poderá expressar sentimentos como alegria, prazer, amor e também tristeza, frustração e até ódio. E para isso, teremos que lançar

mão do conhecimento que a psicologia do esporte nos traz, pois, estes saberes nos levarão a caminhos mais claros na resolução de conflitos pessoais e interpessoais, mágoas, angústias e até estados intensos de alegrias.

E, possivelmente, se todos tivéssemos vividos situações em que essas interações sociais fossem trabalhadas de maneira adequada, viveríamos em uma sociedade mais compreensiva e tolerante, com inteligência competitiva e com líderes mais plenos em seus valores éticos e morais. Estudos realizados na área da Psicologia mostram que a maioria das pessoas não conhecem suas emoções e seus sentimentos, bem como os sentimentos e emoções das pessoas de seu convívio. Tal desconhecimento acarreta em conflitos inter e intrapessoais.

A necessidade de identificação do que sentimos nas diferentes situações que nos deparamos, vêm de nossa constante formação, que está em constante desenvolvimento com o objetivo do autoconhecimento e de melhor entendimento das relações inter e intrapessoais. Céspedes (2014) garante que:

[...] as emoções são o resultado do processamento realizado pelas estruturas da vida emocional no que diz respeito às alterações corporais que ocorrem em face de alterações internas e/ou ambientais. Este processamento inicia-se durante o terceiro trimestre de vida intrauterina e vai-se tornando progressivamente mais sofisticado ao estabelecer relações com o mundo psíquico e mental para, finalmente, aceder à consciência. Durante as duas primeiras décadas de vida, as alterações evolutivas da vida emocional humana são drásticas e intensas, mas continuam a ocorrer ao longo de todo o ciclo vital, transitando finalmente para a conquista da sabedoria, que pode ser definida como a mais elevada integração das experiências num cenário interno de emotividade positiva: “o perdão, a compaixão, o desprendimento e a entrega incondicional são os pontos altos da consciência, que nos ligam à alma e que constituem o culminar de um percurso de evolução que parte do emocional e termina no espiritual.” (CÉSPEDES, 2014, p. 19).

Segundo Martins (2004), uma emoção é uma alteração interna passageira que surge como resposta aos estímulos ambientais. As emoções humanas básicas acompanham-nos desde que nascemos e organizam-se num eixo polar: **raiva/ medo x alegria/ tranquilidade**.

Estas primeiras emoções, que não são conscientes, designam-se por emoções primárias e acompanham-nos ao longo de toda a vida. De acordo com Abreu (2005), as emoções primárias podem ter caráter adaptativo, pois tem relação com a sobrevivência e com o bem-estar psicológico dos indivíduos, como o medo, a raiva entre outros, ou “desadaptativas” que são aquelas que levam as pessoas a terem comportamentos inadequados à situação, pois foram expressadas de maneira tão intensa ou equivocada.

Martins (2004) salienta que a partir destas emoções básicas vão surgindo outras mais complexas e sofisticadas, que se constroem de forma dinâmica ao longo da vida e com as experiências que esta proporciona: com base na plataforma do medo e da raiva surge a vergonha, o descontentamento, a frustração, a cegueira emocional e o receio, entre outros. À medida que a criança vai crescendo, as emoções vão-se tornando conscientes e integram-se à identidade de cada indivíduo, com a sua bagagem de vivências específicas.

Céspedes (2014) afirma que, assim, a formação dos esquemas emocionais se torna mais eficiente e duradoura, pois esses interagem constantemente com a personalidade. Desse modo, os sentimentos se organizam e vão dos básicos como carinho, otimismo, ternura, ciúmes e a inveja, para sentimentos mais complexos, formando a identidade e regendo as ações e atitudes dos sujeitos.

Porém, as emoções podem aparecer em qualquer atividade física ou mental que estejamos fazendo. Nesses casos, nossa reação em geral é tentarmos adequar as emoções, ou seja, intensificá-las, diminuí-las ou ainda mantê-las. Tal processo é mais complexo do que imaginamos, pois as emoções se originam a partir de um estímulo, um fato ou objeto disparador e, segundo Martins (2004), cada emoção segue-se a uma avaliação da realidade.

É, portanto, uma consequência do sentido que atribuímos a determinada situação e do reconhecimento como sendo um dos temas desencadeadores ou ativadores da emoção. Essa avaliação, que pode ser correta ou incorreta, e pode ser, dependendo da exigência da situação, lenta, precisa, minuciosa; mas pode também ser imediata, automática.

Porém, estamos diante das novas gerações, que são os nativos digitais e que já nasceram conectados à internet. Ou seja, estamos frente a uma geração, futuros cidadãos, que não dão muita importância aos relacionamentos, inibem suas emoções e vivem intensamente o mundo digital, negligenciando o mundo *off-line* se interessando cada vez menos pelo conhecimento e pela sabedoria, e dando mais importância em começar o movimento ou a ação, e não em terminá-las.

Segundo Bauman (2011):

[...] numa vida de contínuas emergências, as relações virtuais derrotam facilmente a “vida real”. Embora os principais estímulos para que os jovens estejam sempre em movimento do mundo *off-line*, esses estímulos seriam inúteis sem a capacidade dos equipamentos eletrônicos de multiplicar encontros entre indivíduos, tornando-os breve, superficiais e sobretudo descartáveis. (p. 23).

Porém, segundo Erickson (2009), são as experiências vividas na fase da juventude que determinam os traços comportamentais de cada indivíduo e de seus pares, pois:

[...] a maioria dos indivíduos incorpora as ideias e os conceitos mais fortes em seus primeiros anos de adolescência. Aquilo que vivenciam nessa fase influencia fortemente seu comportamento na idade adulta. (p. 87)

Segundo Gross e Thompson (2007), para lidar com a tristeza, raiva e com outras emoções “negativas”, grande parte dos adolescentes prefere a estratégia de distrair-se, e esta é o primeiro processo regulatório da atenção a aparecer no desenvolvimento e é utilizada por toda a vida quando o jovem subestima sua capacidade de regulação, ou quando não é possível modificar a situação. Em contraste, o uso de técnicas cognitivas é a segunda estratégia mais escolhida entre os jovens, pois propicia que a situação geradora de emoção seja racionalizada, ou seja, a situação pode ser alterada ou enfrentada. Assim, enquanto a distração afasta a pessoa da situação geradora da

emoção sem alterá-la, as técnicas cognitivas agem sobre a situação.

Mas, se nos afastarmos das situações e do enfrentamento emocional, será que estamos gerando aprendizado emocional?

Martins (2004) acredita que tudo aquilo que aprendemos intelectualmente contribui para um acervo em crescimento permanente. E assim, há também uma aprendizagem emocional, mas ela é diferente da estritamente cognitiva. Evitando uma situação específica ou enfrentando-a, sentindo toda a emoção (com exposição planejada e adequada), a pessoa aprende algo, e isso pode determinar quando e como reagir no futuro. Aumentando assim seu autoconceito. Não obstante, Erickson (1968) e Blatt (1990) afirmam que a coerência e o realismo do autoconceito na adolescência é que caracteriza o desenvolvimento normal e que poderá diminuir a vulnerabilidade às reações emocionais inadequadas.

2 | METODOLOGIA

A opção metodológica proposta para as intervenções no contexto da EF escolar foi o método de pesquisa-ação, realizada em estreita articulação da teoria e prática, com ação ou resolução de problema coletivo, em que participantes e pesquisador, estão envolvidos de maneira cooperativa e/ou participativa (THIOLLENT, 2005).

A proposta prevê a aplicação de quatro atividades de práticas corporais e observadas nas aulas de EF, escolhidas por contemplarem alguns aspectos importantes para a pesquisa (competição, cooperação, desafio, exposição, participação de todos ou da grande maioria dos alunos ao mesmo tempo na atividade).

Foi proposto um protocolo de quatro diferentes práticas corporais, propostas como experimentos para capturar a expressão dos estados emocionais dos participantes. Os experimentos foram avaliados de duas maneiras, a saber: “Roda de Estados de Ânimo (REA)” e a observação dos participantes pelo pesquisador-educador. A “Roda de Estados de Ânimo” (REA) ou “*Geneva Emotion Wheel* (GEW)” foi extraída dos estudos de Scherer (2005).

Esta é representada em formato de círculo, a qual divide os estados de ânimo em quatro categorias (animado, desanimado, satisfeito e insatisfeito), abrangendo um total de 16 famílias afetivas, além de permitir selecionar a intensidade do que foi ou é sentido, que pode variar de acordo com os círculos que acompanham cada família afetiva (GAZZETTA, 2018).

A REA (Figura 1) é um instrumento confiável usada como método de obtenção do auto-relato para inferência dos estados de ânimo relacionados às várias situações vivenciadas nas aulas de EF.

A REA 2.0, observada na Figura 1, envolve a avaliação de uma ampla faixa de estados de ânimo, tanto de características positivas quanto de negativas. Estas

alterações de estado de ânimo nos jovens foram examinadas em relação a um componente contextual, que são os diferentes momentos que as atividades propostas nos proporcionam. Para responder ao formulário, o aluno deveria assinalar a escala de cada um dos estados de ânimo presentes na REA. Quanto maior o círculo assinalado, mais alto o estado de ânimo equivalente.

Para análise das variáveis coletadas pelas REA, podem ser utilizadas estatísticas descritivas como média, desvio padrão, mínimo, máximo e quartis; os quais contribuiram para se ter uma visão mais geral do perfil dos participantes. Para tanto, há a necessidade de uma análise estatística dos dados coletados, com o objetivo de encontrar diferenças estatisticamente significativas entre os grupos da amostra.

Os dados podem ser divididos segundo o gênero, separando os voluntários do gênero masculino e do gênero feminino, para que se permita também observar diferenças entre estes grupos. O teste de Mann-Whitney para verificar a independência dos grupos feminino e masculino. Para que as hipóteses nulas fossem rejeitadas; ou seja, para que o valor de p fosse significativo, foi considerado p menor ou igual a 0,05.

O registro das observações deve ser feito mediante anotações em uma ficha de diário de campo, seguindo orientações de Marconi e Lakatos (1990), identificando as atividades (competitivas e cooperativas), realizadas em aulas de EF e atividades motoras livres, os objetivos, as estratégias e reações dos alunos durante as mesmas.

Para Bercht (2001), identificar um estado de ânimo, torna-se necessário observar variáveis comportamentais dos alunos dentro do ambiente. São consideradas como variáveis comportamentais as ações que são passíveis de serem identificadas e que são consideradas como importantes definidoras do comportamento do aluno, podendo ser usadas como indicadores para identificar o seu estado emocional.

Conforme Marconi e Lakatos (1990):

[...] A observação ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social. (p. 56).

Para a pesquisa aplicada e embasados por Gazzetta (2018), surge a proposta de quatro atividades: (1) um jogo de queimada; (2) uma coreografia de dança; (3) um jogo de futebol e (4) uma sequência de movimentos ginásticos com e sem aparelhos.

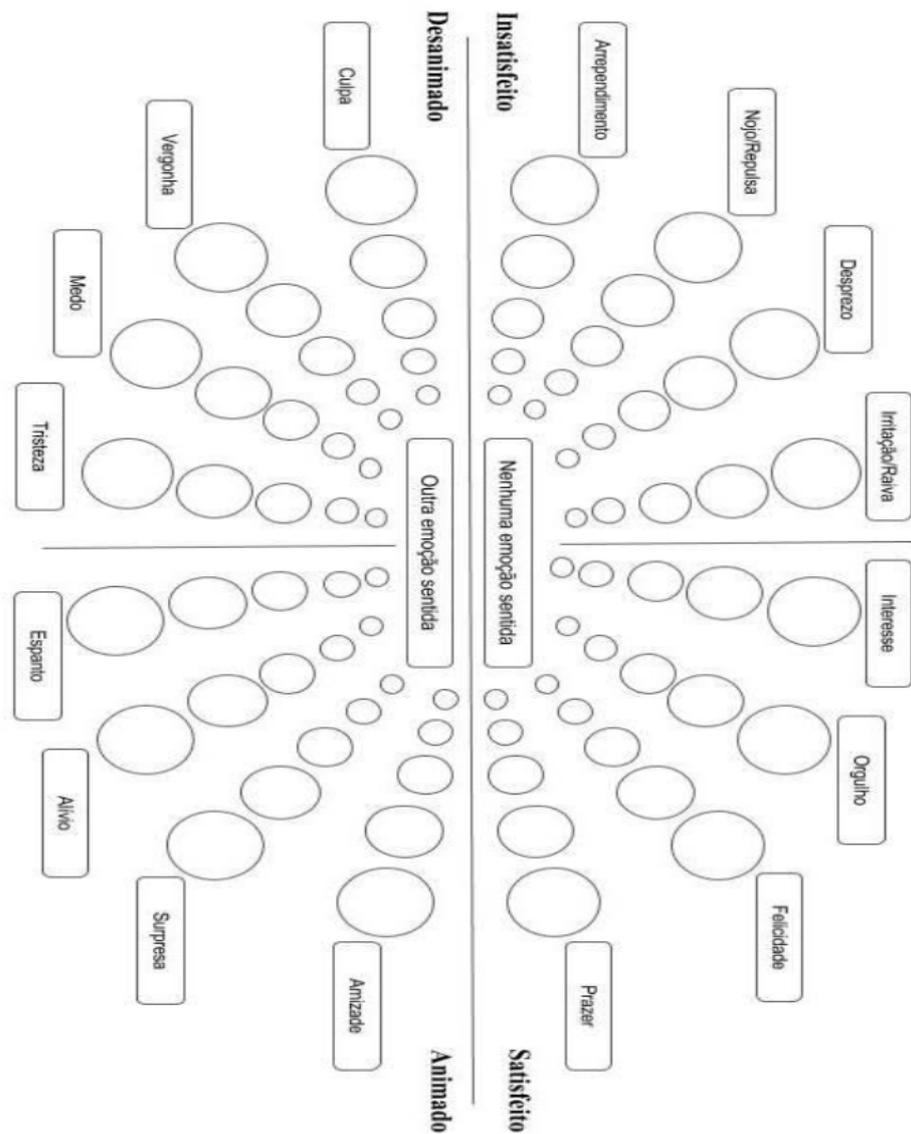


Figura 1: REA 2.0.

Fonte: Adaptada a partir de Sacharin, Schlegel e Scherer (2013) e Longhi (2011).

Estas são propostas por fazerem parte dos conteúdos programáticos da disciplina EF e por evidenciarem os aspectos comportamentais individuais e em grupo dos alunos com mais frequência, fazendo com que nosso estudo fique com elementos mais palpáveis para as análises (GAZZETTA, 2018).

As atividades escolhidas podem ser realizadas no interior do colégio, nas áreas de quadras, ginástica e sala de aula, e o professor/pesquisador estava presente a todo momento. Cada uma das atividades deve ser realizada quatro vezes, em dias alternados, durante as aulas de EF, em sequências não consecutivas da mesma atividade, totalizando 20 experimentos (GAZZETTA, 2018). A estas atividades, em cada aula, aplica-se individualmente a REA 2.0 e realiza-se em seguida a observação dos participantes.

No ambiente de aprendizagem, um aluno pode se deparar com sentimentos negativos (sentimentos de culpa, arrependimento, vergonha e etc.) ou positivos

(interesse, orgulho, prazer, felicidade, amizade e etc.). A valência das emoções (positiva ou negativa) depende dos eventos disparadores (internos ou externos) e das crenças e desejos do aluno.

Huizinga (1971) salienta o papel do jogo no desenvolvimento da satisfação de necessidades vitais, posteriormente, representado no contexto da música, da dança da ginástica e outras convenções sociais. Além dos aspectos motores, essas atividades provocam a aproximação por motivos relacionados à cooperação, e podem trazer mudanças atitudinais importantes.

Nesta perspectiva, por exemplo, a ginástica, como atividade cooperativa, pode ser considerada, neste estudo, como elemento capaz de acionar estados emocionais positivos. As atividades cooperativas foram organizadas de maneira a atenderem à necessidade de promoção de habilidades interpessoais e de autoestima, possuindo uma estrutura que favorece o jogo com o outro e não contra o outro, conforme evidencia Brotto (2001).

A principal característica destas práticas é o aperfeiçoamento das habilidades de relacionamento e, com estas, a possibilidade de afetar toda a sociedade, transformando atitudes, uma vez que a vida em sociedade representa um grande exercício de solidariedade e de cooperação (ORLICK, 1989; BROTTTO, 2001).

O presente estudo indica que os adolescentes, quando avaliados, poderão nos mostrar o acionamento dos estados emocionais positivos e/ou negativos com a realização de práticas corporais.

Não obstante, percebemos com a presente pesquisa que as aulas de EF podem ser um braço forte para a formação emocional de nossos jovens, pois podemos observar o aparecimento e a identificação de estados emocionais de todas as dimensões sendo experimentados e vivenciados durante essas práticas corporais realizadas nas aulas.

Depois de apresentados os resultados e as discussões dos dados, podemos chegar a algumas conclusões: O embasamento teórico pode permitir que o docente de EF responsável consiga reunir diversas informações importantes, referentes às emoções de interesse a esse estudo, suas características principais; papel da educação no desenvolvimento emocional e, principalmente, a importância da EF, enquanto componente curricular obrigatório, sobre a estimulação e trabalho dessas emoções.

Assim, ao aplicarmos esta proposta, é possível também verificar o quanto podemos trabalhar os aspectos emocionais do ser humano, dentro da escola, sem pensar no jovem de maneira separada, aspectos cognitivos do motor e afetivo. Podemos concluir ainda que a escola não deve hierarquizar as áreas das ciências, dando mais privilégios e status a algumas disciplinas em detrimento de outras, atribuindo maior importância às inteligências lógico-matemática e verbal-linguística, esquecendo-se que emoção e cognição.

Pudemos perceber também que a EF ainda carrega expectativas tradicionais de desenvolvimento de habilidades físicas e motoras. Mas as atividades e práticas

corporais presentes na EF escolar podem facilitar aos jovens alunos e alunas, que sejam conhecedores de suas próprias emoções, e que este conhecimento possa influenciar seus comportamentos e suas relações interpessoais em contexto escolar.

Devemos então, proporcionar ao aluno que ele se expresse e aprenda a manejar suas emoções de maneira interacionista, planejando atividades onde a participação ativa dos alunos seja estimulada, não só na dimensão procedimental, mas na dimensão conceitual e atitudinal, propiciando que os sujeitos das ações sejam os próprios alunos, agindo na solução de problemas, criação de jogos ou os ressignificando, para contextualizá-los em sua realidade que está inserido.

Sugerimos então uma maior estruturação nas grades curriculares vigentes, visando um melhor preparo dos profissionais licenciados com relação à parte emocional de seus alunos, tornando-se parte da formação acadêmica. Disciplinas que abordem e discutam os aspectos atitudinais e a importância de se estudar aspectos afetivo emocionais na graduação em EF, poderiam já permitir se observar algumas mudanças no modo de como o profissional encara as emoções e a presença delas em sua aula, as suas e as de seus alunos ou educandos.

REFERÊNCIAS

ABREU FILHO, C.N., CANGELLI, R. A abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia no tratamento da anorexia nervosa e bulimia nervosa. **Revista brasileira de terapia cognitiva**. vol.1, n.1, pp. 45-58. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100006&script=sci_abstract> Acesso em: 24 maio 2007.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. (Tradução Vera Pereira). Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BEHRENS, M. A.; MACHADO, L. J. A. B. Os saberes docentes na educação emocional. Revista Diálogo Educacional., **Curitiba**, v. 5, n.16, p. 269-280, set. /dez. 2005.

BENTO, J. O. 1995. Pedagogia do Desporto: Contexto e Perspectivas. Simpósio Internacional de Ciência e Tecnologia no Esporte. **INDESP**. Porto Alegre, 1995.

BERCHT, M. **Em Direção a Agentes Pedagógicos com Dimensões Afetivas**. 2001 (Tese de doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BETTI, M. Corpo, cultura, mídias e EF: novas relações no mundo contemporâneo. **Lecturas, Educación Física y Deportes: Revista Digital**, Buenos Aires, v.10, n.79, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. EF Escolar: Uma Proposta de Diretrizes Pedagógicas. **Rev. Mak. Educ. Fis. Esporte**, São Paulo, p.73-81, jan. 2002.

BLATT, S. J. "Interpersonal related nessand self-definition: Two primary configuration and their implications for psychopathology and psychotherapy". *In*:

DAMANDO, F. S.; BERCHT, M. Análise da disposição afetiva do aluno em um AVEA: descoberta do desânimo. **XXV Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental (Tema Transversal Saúde). Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998a.

CÉSPEDES, A. **Educar as Emoções: Um guia para educadores**. Lisboa: Editorial Presença, 2014.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **EF na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A, 2005. EF no Ensino Superior. 293p.

DEL PRETTE, Z. A. P., & DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DELORS, J.; *et. al.* **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI**. São Paulo: Editora Cortez / UNESCO / MEC, 1999.

ERICKSON, E. **Adolescence et crise: la quête de l'identité**. Paris: Flammarion, Éditeur, 1968.

ERICKSON, T. Para que as diferenças desapareçam. Barueri: HSM do Brasil, **Revista HSManagement**, 2009.

FISCHER, F. **Estados emocionais e EF escolar**: Considerações iniciais à luz de uma psicologia bioecológica. TCC. 2009. (Graduação em EF) – Faculdade de EF, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Esporte: Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAZZETTA, R. **Estudo Sobre os Estados Emocionais Inerentes às Práticas Corporais na Escola**: Reflexões para Educação Física do século XXI. Dissertação de Mestrado – Curso DHT, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro. 2018

GOLEMAN, D. **Como lidar com emoções destrutivas: para viver em paz com você e com os outros: diálogo com a contribuição do Dalai Lama**. Rio de Janeiro: Campus / Elsevier, 2003.

_____. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. 45^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

GROSS, J. J.; THOMPSON, R. A. Emotion regulation: conceptual foundations. *In: Hand book of emotion regulation*. New York: Guilford Press, 2007.

JUNIOR, R. V.; WINTERSTEIN, P. J. Aspectos da Liderança na Pedagogia do Movimento. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 83, abr. 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

LAVOURA, N. L.; MACHADO, A. A. **Esporte de aventura de rendimento e estados emocionais**: relações entre ansiedade, autoconfiança e auto-eficácia. *Motriz*, Rio Claro, v.12 n.2 p.143-148, mai./ago. 2006

MACHADO, A. A.; GOMES, R. **Psicologia do Esporte: da escola à competição**. São Paulo, Fontoura, 2011.

PARLEBAS, P. **Elementos de sociologia del deporte**. Instituto Andaluz del Deporte. Málaga, 2003.

PAVARINI, G.; LOUREIRO, C. P.; SOUZA, D. H. **Compreensão de Emoções, Aceitação Social e Avaliação de Atributos Comportamentais em Crianças Escolares**. Universidade de Cambridge, Cambridge, Inglaterra & Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil, 2011.

ROCHA, B.; WINTERSTEIN, P. J.; AMARAL, S. C. F. Interação Social em Aulas de EF. **Rev. Bras. Educ. Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 235-45, jul. /set. 2009.

SCAGLIA, A.J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação (Mestrado), 1999. Faculdade de EF - Unicamp, Campinas.

SCHERER, K. R. "What are emotions? And how can they be measured?" **Social Science Information**, 44(4), p. 693-727, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14^a ed. São Paulo: Cortez, 2005.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1971.

VIGOSTISKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WAGNER, A.; FALKE, D.; SILVEIRA, L. M. B. O.; MOSMANN, C. P. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, 7(1), p. 75-80, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-453-5



9 788572 474535